



DO MEU LUGAR, A NOSSA HISTÓRIA - PROJETO DE EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA DO MUNICÍPIO DE ITAPIPOCA/CE

Autora: Carla Galiza dos Santos
Outubro de 2020
Itapipoca/CE

O projeto de educação contextualizada do Município de Itapipoca/CE, conhecido como Terra dos Três Climas por haver em seu território praias, serras e sertão, surgiu a partir de um projeto desenvolvido pela Cáritas Diocesana de Itapipoca no distrito de Arapari, chamado *Do meu lugar, a nossa história*. Essa iniciativa deflagrou processos de discussão no município sobre os modelos de educação para o campo e para o Semiárido, tendo como ponto de partida o diálogo sobre os componentes curriculares e sua necessária vinculação com outros elementos da realidade por meio da educação contextualizada. Foi então que o município aprovou um projeto de lei municipal na Câmara de Vereadores que “define as diretrizes básicas de Educação Contextualizada e de Educação do Campo, e dá outras providências”, a Lei nº 094/2017, de 16/11/2017.

Em Itapipoca, existem 144 escolas municipais (destas, 59 estão localizadas na zona rural), 6 escolas estaduais, 4 universidades e 3 polos de educação à distância. Em 2018, a Secretaria de Educação Básica de Itapipoca matriculou em sua rede 23.803 crianças e adolescentes. Nesse horizonte, a construção e implementação de uma política de educação de base contextualizada se faz necessário.

Tomando como referência a lei municipal e a experiência exitosa da Cáritas, deu-se início, em 2018, a um convênio assinado entre a Cáritas Diocesana de Itapipoca e a prefeitura municipal, por meio da Secretaria de Educação Básica, para a formação de educadores/as das escolas localizadas nas áreas rurais da rede municipal, na perspectiva da educação contextualizada voltada para a convivência com o Semiárido. O projeto está dividido em 8 módulos, com início em 2018 e finalização ainda para 2020, envolvendo a participação média de 560 educadoras e educadores.

Para melhor compreensão do projeto e sua metodologia, é necessária explanação sobre o que é a educação contextualizada.

Freire e a Educação Contextualizada

O método de Paulo Freire propunha uma maneira de educar intrinsecamente ligada à vida cotidiana e por isso também à política. O educador era contra o que chamava de “educação bancária”, que colocava o/a professor/a como detentor/a do conhecimento e o/a aluno/a apenas como depositário. Para ensinar, de acordo com o autor, era preciso partir da experiência do/a aluno/a e do que ele/a conhecia.

Para Paulo Freire, a leitura e a escrita somente fariam sentido se fossem acompanhadas da capacidade de ler o mundo, de perceber o mundo, de reconhecer os papéis desempenhados pelos atores/atrizes do mundo e de reconhecer-se como peça daquele mundo. Por isso, Freire agia com base nas palavras que faziam parte do cotidiano das pessoas.

Ensinar e aprender tem que ver com o esforço metodicamente crítico do professor de desvelar a compreensão de algo e com empenho igualmente crítico do aluno como sujeito em aprendizagem, no processo de desvelamento que o professor ou professora deve deflagrar. Isso não tem nada a ver com a transferência de conteúdos e fala da dificuldade, mas, ao mesmo tempo da boniteza da docência e da discência. (FREIRE. 2003, p. 119)

Um dos elementos que diferencia a Educação Contextualizada da educação tradicional é que a primeira é movida pela sinergia de inúmeros atores/atrizes sociais, cujos esforços convergem para a construção de uma escola que dialoga com a diversidade de contextos sociais, políticos, econômicos e ambientais. A segunda, por sua vez, foi pensada e estruturada para reproduzir um modelo social, político e econômico que não incorpora as necessidades sociais mais básicas, contribuindo assim com a estratificação das estruturas sociais que há muito vigoram no Brasil.

A educação contextualizada é uma proposta que “vem de baixo”, de forma imanente e endógena, e acontece mediante a parceria entre atores governamentais e não governamentais. É uma proposta político-pedagógica alternativa que tenta se inserir de forma ativa na prática escolar e na vida cotidiana da população do semiárido.

A ideia de contextualização se funda no princípio de interdisciplinaridade e transdisciplinaridade na construção do conhecimento, suportando-se na falência das grandes narrativas da ciência e da pedagogia moderna, ou seja, dos princípios de neutralidade, de formalidade abstrata e de universalidade. No Semiárido, essa ideia é representativa de demandas particulares: a

descolonização da educação, a desconstrução do estereótipo do Nordeste e do/a nordestino/a e a difusão do paradigma de convivência com o Semiárido. O processo de educação contextualizada prevê adaptação dos conteúdos escolares ao espaço geográfico, à cultura, à identidade e à especificidade do Semiárido. Ele se baseia na realidade social do/as educandos/as e possibilita contextualizar o processo de ensino-aprendizagem com a diversidade cultural, social e ambiental de cada lugar. É uma proposta de educação pautada no princípio da convivência com as características socioambientais do Semiárido, visando à criação de um novo senso comum, de novos significados do lugar e da vida no lugar, a partir de nova leitura do próprio espaço (PIMENTEL, 2002).

O processo de educação contextualizada, a partir da formação continuada dos professores e professoras, almeja ressignificar a prática docente, dando autonomia no modo de contextualizar os saberes e as práticas escolares.

O/a educador/a se distancia do livro didático para não ser um mero reproduzidor de conteúdos, levando os conteúdos do currículo para a realidade local e vice-versa. Instaura-se, assim, uma relação dialógico-dialética que possibilita, a partir de temas geradores, abordar a realidade social, ambiental, histórica, econômica e cultural do Semiárido como orientadora da metodologia pedagógica. O currículo se anima e possibilita a interdisciplinaridade, articulando-se com o mundo vivido. Ligada à educação popular, a educação contextualizada se preocupa em relacionar a vida cotidiana com a escola, fazendo da vida um objeto do conhecimento escolar e da educação um modo de ser. Assim, supera a fragmentação disciplinar e favorece o entendimento do diálogo entre os diferentes saberes, desenvolvendo visão holística da vida no mundo, novos significados do lugar e da vida no lugar (KRAUS, 2014).

Agroecologia e a Educação Contextualizada

A prática agroecológica como modelo de produção e reprodução da vida aponta para a necessidade da construção e disseminação de novos conhecimentos para a formação dos sujeitos do campo que compreendam as exigências dela derivadas, entre as quais uma nova relação entre o ser humano e a natureza, na busca da sustentabilidade socioambiental e econômica das unidades de produção rurais. Nesse sentido, a Educação do Campo passa a assumir papel de destaque na adoção dessa perspectiva e seus processos educativos serão estratégicos na difusão e consolidação de um novo modelo de desenvolvimento territorial. Na busca de como se discutir a habilitação em agroecologia e questões ligadas ao contexto rural, o ensino e sua relação com tal metodologia e a

formação de professores/as para atuação nesse contexto particular, torna-se indispensável o rebuscamento de certas práticas estruturais que visam contribuir na consolidação de um ensino comprometido com o contexto do campo e com a formação técnica na perspectiva agroecológica (PAVANI, 2018).

Dentro das estratégias de convivência com o Semiárido, os processos de estocagem são essenciais para a sobrevivência dessa região, porém, para além de promover o estoque de água, alimento e sementes para as famílias e comunidades rurais, a proposta de convivência com o Semiárido pressupõe educação contextualizada para as crianças e adolescentes da região, a partir de um ensino que reconheça e valorize os potenciais dos povos, os saberes locais e o modo de vida das famílias agricultoras. Nessa perspectiva, entende-se que a complexidade nos pensamentos (falas, objetivos, ideias, teoria, prática e ação) é essencial para a colaboração na construção de um processo educativo em agroecologia, com isso podendo proporcionar autonomia aos povos que foram e são usurpados nos vários sentidos de vida.

Para acessar mais informações sobre a iniciativa de Educação Contextualizada da Secretaria de Educação Básica de Itapipoca, foi necessário entrar em contato com algumas pessoas que estão envolvidas na gestão e na execução de ações do projeto. Foram elas: Fátima Evilene Albuquerque Carneiro, diretora da Escola EEB Jerônimo de Freitas Guimarães, localizada na região serrana no distrito do Arapari; Gustavo Felipe Araújo dos Santos, educador na Escola EEB Jerônimo de Freitas Guimarães, localizada na região serrana no distrito do Arapari; José Gilmar Magalhães, técnico da coordenação pedagógica/coordenador do projeto de educação contextualizada; Paulo Henrique Barroso, secretário de educação básica do município; e Nielson Pereira da Silva, Educador na Escola EEB Maria Mesquita Rodrigues e na Escola EEB Jêronimo de Freitas Guimarães, localizada na região serrana no distrito do Arapari.

A partir do diálogo via contato telefônico e de conversas de aplicativo de mensagem, foi possível acessar informações complementares que nos possibilitaram aprofundar na sistematização, tendo em vista que a abordagem metodológica foi direcionada para compreender o projeto a partir da sua ação e do seu impacto junto à comunidade escolar, como também seu reflexo na gestão municipal.

Para o educador Gustavo Felipe, “a educação contextualizada traz a liberdade de um diálogo igualitário entre professor/a e aluno/a, além da aproximação da escola com a realidade diária do/a discente e da comunidade em que ele/a está inserido”. A metodologia do ensino contextualizado desperta e desenvolve os conhecimentos que o/a aluno/a já traz consigo e, em sequência, expande este conhecimento, “estou falando de um conhecimento de dentro pra fora”, cita o educador.

O processo de formação do projeto em educação contextualizada é desenvolvido em encontros modulares no formato de oficinas temáticas, pautadas no conceito de convivência com o Semiárido e com foco em seus aspectos didático-pedagógicos, com a finalidade de contribuir para a qualificação da prática pedagógica. Até o momento foram feitos 4 módulos com os temas: Educação contextualizada na perspectiva da convivência com o Semiárido – origem, concepção e fundamentos; História e cultura local – um olhar voltado para nossas raízes; Pedagogia de projetos e a ressignificação da flora do Semiárido por meio da contextualização; e Metodologias ativas na promoção da aprendizagem contextualizada.

Nesse sentido, o objetivo da formação para a educação contextualizada é contribuir com a qualificação do processo de ensino e aprendizagem de crianças, adolescentes e adultos/as de escolas municipais das áreas rurais mediante formação de educadores/as a partir dos princípios da educação contextualizada e do conceito de convivência com o Semiárido. O processo de formação acontece de forma a proporcionar a articulação entre os saberes escolares e comunitários e diminuir a distância entre aquilo que se aprende na escola e o que se vivencia no cotidiano de vida dos/as alunos/as. Sobre o processo de formação, o educador Neilson fala que “as formações de educação contextualizada também nos possibilitaram maior embasamento teórico para tornar os conteúdos mais significativos e, de certa forma também, fazer o estudante perceber aquele conhecimento científico presente nos livros didáticos na sua própria prática social, no seu dia a dia”.

Pensar na educação voltada para os povos do campo e para o Semiárido requer que façamos algumas reflexões sob a perspectiva sistêmica para entendimento sobre esse espaço de fala, o lugar do Seminário. Para Gilmar, “a região semiárida historicamente viveu um processo preconceituoso de discriminação de todos os seus valores, sendo vista somente pelas mazelas, pela falta d'água, a fome, a seca, a morte de animais. A desmistificação desse território faz-se necessária para que a sua verdadeira identidade seja revelada no Semiárido de riquezas e alegria, de musicalidade e prosperidade de cores, sons e sabores específicos dessa área. E a educação é a porta de entrada para se trabalhar esse outro ponto de vista, através dela poderemos ressignificar, reaprender e redirecionar o nosso olhar para o semiárido brasileiro. A educação contextualizada se propõe em ser esse canal de ensino e aprendizagens diferenciadas, partindo do contexto local para o global e do global para o local, sendo ao mesmo tempo o ponto de partida e de chegada da aprendizagem das crianças, jovens e adolescentes que habitam esse território”.

Um dos eixos estruturantes para a consolidação de uma educação pautada na contextualização é a relação entre a escola e a comunidade, em que a escola ultrapasse seus muros e suas barreiras,

passando a entrar em cada casa, em cada família da comunidade da qual aquela escola faz parte, devendo ser a escola uma extensão da comunidade. Nesse sentido, o educador Nielson diz que “a escola está sempre realizando reuniões de pais e mestres e enfatizando a importâncias da família na escola. Muitas atividades desenvolvidas na escola são apresentadas à comunidade, não ficam restritas aos alunos e professores. Outra questão importante se refere às parcerias firmadas com moradores da comunidade para a realização de atividades de campo, geralmente procuramos alguém da comunidade que realiza alguma atividade, seja de trabalho ou de liderança comunitária, dentre outros, para compartilhar seus conhecimentos práticos e de mundo com as crianças”.

Ainda sobre a relação Escola-Comunidade, o educador Gustavo Felipe diz que “na escola percebemos uma grande proximidade da família e da comunidade, nosso projeto sempre tem uma grande participação de pessoas da comunidade e familiares de alunos. Percebemos que os discentes passaram a sentir-se mais importante no meio escolar, participando e interagindo positivamente, além dos resultados em avaliações externas, estes mostram que estamos no caminho certo, pois a partir da contextualização dos conteúdos estamos conseguindo dar significância ao cotidiano intelectual da escola. E comum ouvir dos pais elogios e agradecimentos pelo trato e cuidado no desenvolvimento pedagógico dos discentes”.

O projeto *Do meu lugar, a nossa história* tem conseguido bons resultados quanto à aprendizagem dos/as educandos/as. Segundo a diretora escolar Evilene, “as aulas se tornaram mais prazerosas com maior envolvimento dos alunos e uma interação maior da família, pois as atividades contextualizadas possibilitam maior compreensão do objeto de estudo apresentado. O protagonismo do saber é visível nas práticas contextualizadas”. Já Gilmar diz que “a aceitação é muito boa, porque a proposta de educação contextualizada fala daquilo que eles conhecem e lhes pertence, se sentem incluídos e valorizados nas falas”.

Sobre o processo de formação, o educador Gustavo Felipe fala sobre as principais mudanças sobre a prática metodológica refletidas em sala de aula: “A necessidade de utilizar termos regionais e de uso habitual do aluno e do seu meio cultural, apresentar situações fictícias, mas usando objetos e situações vividas na comunidade do mesmo, aulas de campo nos arredores da escola e da comunidade, onde a escola está inserida, na busca de um resgate cultural e histórico, é de extrema importância dar voz ao aluno para que ele possa expressar sua opinião e relatar exemplos vividos por ele, exemplos que muitas vezes demonstram o entendimento em relação ao assunto da aula. Na escola trabalhamos também a importância da agricultura familiar e das plantas medicinais popular nas aulas de ciências através do manejo das ervas no canteiro da escola, este canteiro foi inteiramente

construído por eles com ajuda dos professores. Lá participam de aulas práticas e conhecem a importância do cultivo e do cuidado com o meio ambiente”.

O projeto vem possibilitando aos/às educadores/as transformações profundas no que se refere à visão e ao entendimento sobre o real significado da educação enquanto ferramenta de construção de sujeitos críticos e ativos na sociedade. O educador Felipe comenta que “uma das (minhas) maiores mudanças enquanto sujeito foi o despertar da sensibilidade e a possibilidade de adaptar os conteúdos de ensino do município ao formato contextualizado, não se tratando de modificar, alterar o conteúdo comuns ou muito menos acrescentar trabalho ao dia-dia do professor, mas sim desenvolver e tornar costumeiro o ato de utilizar termos da realidade do aluno e trazer exemplos em que ele consiga encontrar-se culturalmente em cada conteúdo e perceber sua significância. A partir daí percebi que minhas aulas fluíam de maneira agradável e produtiva, além de ganhar a confiança e respeito em sala de aula”.

O projeto está no seu segundo ano de execução e durante esse período alguns avanços foram percebidos pelos/as educadores/as e gestores/as. Gilmar diz que “um avanço é ver essa temática sendo discutida e problematizada dentro das salas de aula. O despertar do sentimento de pertencimento dos alunos e professores nessas localidades”. A diretora Evilene considera como um dos principais avanços a mudança na forma de se pensar o fazer prático em sala de aula, a forma em se planejar as ações a serem feitas junto aos/às educandos/as e a toda a comunidade escolar. Ela fala que “a escola planeja mensalmente ações coletivas juntamente com os professores, funcionários, técnica da Secretária de Educação do Município que acompanha as atividades da escola, representações de pais e alunos. E semanalmente os professores planejam com o acompanhamento da equipe gestora as ações de sala de aula”.

Inúmeros são os desafios da educação contextualizada, sabemos o quanto é difícil ser criança e jovem no campo, na região Semiárida, devido às dificuldades e aos desafios impostos pela escassez de políticas públicas voltadas para os povos do campo, em toda sua diversidade e complexidade. Por isso, é preciso um currículo integrador que leve em consideração as necessidades e a realidade dos povos do campo, contribuindo para a permanência escolar dos/das alunos/as com dignidade e qualidade de vida.

Para Gilmar, “o principal desafio hoje é ampliar essa proposta também para as escolas da sede urbana visto sua complexidade de escolas e interesses diversos”. Ainda sobre os desafios a serem superados, o educador Neilson diz que “é interessante destacar também que o processo de

contextualização deve acontecer também de forma mais ampla, não apenas deve ficar restrito à prática do professor”.

A diretora Evilene considera que “alguns desafios são apresentados na implantação da pedagogia da educação contextualizada nas práticas da escola, entre eles a quebra de tabus, o novo assusta, pois é sem dúvida uma quebra de paradigmas, por isso acontecem rejeições por parte de educadores e educadoras, pois educação contextualizada exige inovar o ensino tradicional e dar sentido àquilo que está sendo ensinado e aprendido”.

Outro desafio que está relacionado diretamente à educação no campo é a sua ampliação e atuação para todas as regiões do Brasil, considerando não apenas o rural, mas também os espaços urbanos que dialogam diretamente com os povos do campo, oferecendo, assim, formação em todos os níveis, da educação infantil à formação universitária.

Entrevista com Paulo Henrique Barroso, Secretário de Educação Básica do Município de Itapipoca/CE

– Secretário, o que motivou o município a executar um projeto com base na educação contextualizada?

– A motivação para adoção dessa proposta pedagógica pelo município veio a partir de três situações: a primeira situação é que Itapipoca tem três realidades geográficas distintamente caracterizadas (praia, serra e sertão), havendo com isso a necessidade de se trabalhar essas realidades dentro de sala de aula, de forma que a agricultura, a pecuária, a vegetação, os mananciais hídricos, as formas de organização, a cultura das comunidades sejam trabalhados significativamente dentro do processo pedagógico. A segunda motivação vem através da legislação: a nova LDB propõe em sua estrutura as adequações curriculares com a realidade local e também a partir do Documento Curricular Referencial do Ceará (DCRC), que também orienta trabalhar esses aspectos do contexto real associados aos conteúdos acadêmicos. Para isso o município aprovou na Câmara de Vereadores o projeto de lei que regulamenta essa proposta de educação no município. E a terceira motivação foi o projeto de educação contextualizada desenvolvido em parceria com a Cáritas Diocesana, no distrito de Arapari, que foi uma experiência exitosa e que o município então resolveu expandir para as demais escolas, inicialmente das áreas rurais do município de Itapipoca.

– Para você quais são os principais desafios da Secretaria de Educação na execução do projeto?

– O principal desafio para a Secretaria de Educação é garantir o processo de formação dos/as professores/as, visto que é uma rede muito grande e muitas realidades distintas. Outro desafio é a aquisição de materiais de apoio, visto que para essa temática não existem materiais disponíveis no mercado, todo conteúdo precisa ser estudado, pesquisado e elaborado pelos próprios gestores e professores e coordenação pedagógica. Na verdade, estamos ressignificando nossa ação pedagógica. Diante desse desafio é que estabelecemos uma parceria de assessoria e acompanhamento do projeto com a Cáritas Diocesana de Itapipoca, que já tem uma experiência na área.

– A Secretaria de Educação pensa na ampliação do projeto para as escolas que estão na área urbana do município?

– Sim. Iniciamos com um distrito no Arapari, depois ampliamos para os demais distritos e o próximo passo é a inclusão das escolas situadas na sede urbana do município. A universalização da educação contextualizada no município será uma consequência desse processo já iniciado com as escolas localizadas das áreas rurais do município.

– Quais foram os principais avanços ocorridos com a execução do projeto?

– O principal avanço foi a aprovação da lei de regulamentação da educação contextualizada no município de Itapipoca, com isso estamos em sintonia com as leis nacionais da educação, LDB e com o DCRC, lei estadual. Outro avanço é perceber a motivação dos alunos que são nossos maiores e melhores indicadores de resultados.

– Existe ou se pensa um processo de articulação entre as diversas secretarias numa perspectiva de integração de ações que possam fortalecer a comunidade escolar, considerando os espaços onde as escolas estão inseridas?

– Na verdade já acontece essa integração entre secretarias, principalmente com a secretaria de saúde, no que se referem às ações preventivas de combate as doenças mais comuns nas regiões, a exemplo da dengue. Com o Instituto do meio ambiente que tivemos a distribuição de centenas de mudas de plantas ornamentais, frutíferas, medicinais, palestras com temáticas específicas de cada área, implantação de hortas escolares. O desafio é envolver ainda mais na perspectiva de implantar em algumas famílias unidades ecológicas como os quintais produtivos para fortalecimento familiar e servir como laboratório de aprendizagens da escola.

REFERÊNCIAS

CEARÁ. **Lei nº 094/2017, de 16 de novembro de 2017.** Define as diretrizes básicas de Educação Contextualizada e de Educação do Campo, e dá outras providências. Disponível em: https://www.camaraitapipoca.ce.gov.br/arquivos/618/_0000001.pdf. Último acesso em: 31 out. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente.** São Paulo: Paz e Terra, 2003.

KRAUS, L. A educação contextualizada no semiárido brasileiro: entre desconstrução de estereótipos e construção de uma nova territorialidade. **REVISTA DE GEOGRAFIA (UFPE)**, Pernambuco, v. 32, n. 1, 2015.

PAVANI, G.C. **Agroecologia na educação do campo: possibilidades de construção entre homem e natureza,** 2018. Disponível em: https://www.uniara.com.br/legado/nupedor/nupedor_2018/10/7_Gislaine_Pavini.pdf. Último acesso em 31 out. 2020.

PIMENTEL, A. **O elogio da convivência e suas pedagogias subterrâneas no semiárido brasileiro.** 2002. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.



Aula de Campo – Contação de histórias sobre o distrito do Arapari.



Aula de Campo – Ação te ofereço uma árvore.



Atividade em sala de aula.



Visita domiciliar à família de educandos e educandas.



Formação de educadoras e educadores em Educação Contextualizada.



Recreio Interativo: Atividade sobre plantas medicinais